
DANÇA
13, 14 SETEMBRO '07
WATERPROOF

De Daniel Larrieu/Companhia Astrakan

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



QUI 13 · SEX 14 SETEMBRO 2007 · PISCINA DO JAMOR, ESTÁDIO NACIONAL
22H00 · DURAÇÃO c. 1H00 · M/6

Estreado na piscina Jean-Bouin, em Angers, a 25 de Março de 1986.

Reposto na piscina Jean-Bouin, em Angers, a 21 de Junho de 2006 e no festival Paris Quartier d'Été a 26 de Julho de 2006.

Remontagem 2006:

Coreografia Daniel Larrieu

Interpretação Jérôme Andrieu, Dominique Brunet, Alain Buffard, Didier Chauvin, Mié Coquempot, Agnès Coutard, Claude Frémy, Christophe Ives, Bertrand Lombard, Michel Reilhac

Assistência Fanny de Chaillé

Luzes Françoise Michel

Partitura sonora Jean-Jacques Palix, Eve Couturier

Direcção e realização vídeo Sophie Laly

Direcção técnica Christophe Poux

Realização vídeo 86 Jean-Louis Letacon

Com assistência de Luc Riolon

Tomada de imagens subaquáticas Henri Alliet

Montagem Catherine Rees e Luc Riolon

Produção Astrakan

Co-produção e residência CNDC / Centre national de danse contemporaine Angers

Em parceria com festival Paris Quartier d'Été, Cidade de Angers, l'Espace 1789 e Cidade de Saint-Ouen, Conseil Général de Seine St Denis

Com apoio da ADAMI, que gere os direitos dos artistas-intérpretes (actores, cantores, músicos, maestros, bailarinos...) e consagra uma parte dos direitos cobrados ao apoio à criação, à difusão e à formação.

Agradecimentos Pascale Henrot, Laurence Rondoni, Pep Garrigues, Elodie Robin, Florent Morvan, Charlotte Duedal, Yohann Voisin, Jean-Jacques Mérand, François Laurent, Gaël Jouet, equipa do CNDC, equipa da piscina Jean-Bouin, serviço de acção cultural e serviço de desportos da cidade de Angers, Fin novembre, p:es, 24 images, piscina da universidade Paris X Nanterre, clube de natação sincronizada de Angers, loja do nadador.

Agradecimentos especiais Anne Frémy

Astrakan é subsidiado pela DRAC Ile-de-France / Ministère de la Culture et de la Communication no quadro do programa de apoio às companhias convencionadas.

Genérico original (1986):

Coreografia Daniel Larrieu

Assistência Cathy Rees

Assistência aquática Anne Fremy

Interpretação Dominique Brunet, Alain Buffard, Didier Chauvin, Anne Fremy, Claude Fremy, Daniel Larrieu, Bertrand Lombard, Michel Reilhac, Laurence Rondoni

Luzes Françoise Michel

Partitura sonora Jean-Jacques Palix, Eve Couturier

Figurinos Junko Shimada, Roger Flea

Polyuretano Daniel Cendron

Equipa técnica Laurent Bondy, Didier Ponchon

Realização vídeo Jean-Louis Letacon

Com assistência de Luc Riolon

Tomada de imagens subaquáticas Henri Alliet

Montagem Catherine Rees et Luc Riolon

Produção Astrakan, Centre national de danse contemporaine d'Angers, Ministère de la Culture – Direction de la Musique et de la Danse, Swatch, Arcanal, Vidéogram, Ex nihilo, Junko Shimada, Deuxième bureau

Agradecimentos Comex, pessoal da piscina Jean-Bouin, Tabu, Cointreau, Zig-zag médical, Cidade de Angers – serviço de edifícios



Em 1985, Anne Frémy convida vários artistas a deslocarem as suas ferramentas e processos de criação para dentro de água e alguns bailarinos encontram-se na piscina de Vincennes para momentos subaquáticos.

Em 1986 Astrakan é recebida em residência em Angers, em torno de um projecto que marcará uma época, e trabalha durante três meses na piscina Jean-Bouin na criação de *Waterproof*. Período singular da dança contemporânea francesa, que se apropria dos lugares públicos e os transforma em lugares de representação.

A propósito dos 20 anos desta produção e por proposta de Pascale Henrot, directora do festival Paris Quartier d'Été, decidi recriar esta peça. Contactei portanto os intérpretes da versão original e convidei outros bailarinos a participarem no projecto.

Trabalhar intensamente em meio aquático leva a experimentar campos pouco habituais e à descoberta de uma outra utilização dos sentidos, de um outro movimento. Retomar esta criação – singular no meu percurso – é um regresso a essas e à imensidão de outras experiências conduzidas pela dança contemporânea; é recordar as apostas deste movimento.

Waterproof é uma peça de sonoridades guerreiras, de luta, de combate, aqui com o elemento líquido, uma maneira de respirar, de sorver o ar, de conduzir o movimento. Poucos viram esta produção, muitos conhecem o filme. Regresso ao presente, 20 anos mais tarde.

DANIEL LARRIEU

IMPRENSA, 1986:

Pouco a pouco, intervalo mais as golfadas de ar, descomprimo, tranquila, tenho a impressão feliz de ter o busto maior, de vaguear em pleno céu líquido. A água está morna... A ausência de peso provoca euforia... Sentada em parte nenhuma e sobre nada... Cada vez me sinto melhor no fundo da piscina. Já não me apetece sair, que pena ter que respirar. Deve ser a embriaguez da profundidade a levar a melhor. O silêncio sublinha a maleabilidade das formas, a doçura dos ritmos... O cimo, o baixo? Intermutáveis. As direcções? Aleatórias e vacilantes. Perturbação, minha irmã! Os corpos acumulam-se e soltam-se, os amplos passam e deslizam, indefinidamente solúveis, aqui tudo impele para a mutação, para a doce transformação das formas... A carícia da água é divertida, superficial e absorvente. A água liberta e cativa ao mesmo tempo, porque nela tudo se move, mas tudo se move com ela. O corpo deslocado desloca o seu volume de água. Assim, depende do seu próprio movimento. Pouco a pouco, ausento-me. A embriaguez absorve-me, um tudo-nada mórbida. Algo me diz que devia sair... A superfície, esse horizonte visível, cede ao rosto escondido das coisas. O real é um espelho sem mácula.

CHRISTINE RODÈS
POUR LA DANSE, MARÇO DE 1986

Daniel Larrieu, com o apoio dos relógios Swatch, não hesitou, um belo dia, em fazer baloiçar os seus bailarinos na água de uma piscina olímpica. Assim nasceu *Waterproof*, primeira coreografia subaquática, única no seu género.

Uma aventura em que Larrieu se lançou, submetendo-se, e aos seus bailarinos, a um treino draconiano com especialistas de natação sincronizada, e inventando toda a espécie de habilidades técnicas para adaptar luzes, som, cenografia e a própria coreografia a condições muitas vezes perigosamente imprevisíveis. Corpos flutuando entre duas águas, movimentos que joram/deslizam em sucessão enfeitante, jogos geométricos que utilizam todos os pontos de orientação, os bordos da piscina, dentro-fora, as linhas de flutuação, jogos de luz duma beleza quase inquietante – como na sequência final em que cada bailarino-nadador transporta uma frágil lamparina, pirilampos improváveis flutuando na superfície da água.

Waterproof tem corrido mundo: Espanha, Estados Unidos, Canadá, e provocado surpresa em toda a parte.

CHANTAL AUBRY E JEAN-LOUIS PINTE
LA CROIX, 1987



Ballet de banho

Em 1981, Anne Frémy, professora de natação e investigadora, interessa-se pelas relações entre a arquitectura, a água e a pedagogia. Naquela época as barreiras corporativas são fáceis de ultrapassar e é com naturalidade que convida artistas a trabalhar com ela. Entre eles, Daniel Larrieu, jovem coreógrafo, cria *Waterproof* na piscina Jean-Bouin, em Angers, com apoio do *Centre national de danse contemporaine*. Estava-se em 1986. Poucos espectadores tiveram oportunidade de ver este espectáculo, que não circula em França. Esta peça, que marca os anos 80 – em que se fala mais de experimentação do que de produto – muitos só a conhecem através de um filme então feito. Vinte anos depois, por iniciativa de Pascale Henrot, co-directora do festival Paris Quartier d'Été, Daniel Larrieu reinicia com uma parte da equipa inicial. A recriação em Angers, em Junho passado, é um trabalho sobre a memória e o repertório da dança contemporânea; mas podíamos dispensar esta referência histórica e ver apenas em *Waterproof* um espectáculo dos mais agradáveis, que aborda o corpo do bailarino de um ângulo pouco comum.

Reencontrar as sensações. A maior parte (seis) dos intérpretes originais aceitaram repetir a experiência, e Daniel Larrieu ainda se sente emocionado: «Quando a Pascale Henrot me sugeriu remontar a peça, eu disse-lhe “dá-me tempo de fazer uns telefonemas, há uns vinte anos que não estou com a

maior parte dos bailarinos”. Telefonei e eles responderam imediatamente “sim, claro”, sempre disponíveis e joviais.»

Mas ir de novo ao banho não foi coisa fácil. Se o filme continua a existir, e é aliás projectado durante a representação, não existia traço algum da versão ao vivo. Foi preciso reencontrar os trajectos, as sensações, voltar a treinar. «Não sei se é por causa da minha massa muscular, mas tenho tendência para ir ao fundo, é muito difícil flutuar», diz Alain Buffard, um dos dez intérpretes. Não é apenas uma questão física, a relação com o tempo é muitas vezes a única indicação do coreógrafo. Como reinterpretar, por exemplo: «Têm 2 minutos e 30 para entrar na água»? Em toda a peça não há verdadeiramente mais do que um minuto de natação pura, que aliás corta o espaço de modo franco, em diagonal. No resto, trata-se realmente de dança e muita respiração. Instalados na bancada, os espectadores vêem de cima. Olhando para a cena que é a piscina, não veriam grande coisa se os bailarinos agitassem a superfície da água. O mais difícil é portanto manter a superfície lisa, para que os corpos sejam vistos à transparência. Um sucesso.

Sequências. A deformação dos corpos dos bailarinos só os torna ainda mais intrigantes. Seguimos um percurso no fundo da água; divertimo-nos com as entradas e saídas inventivas; adoramos os amontoados humanos flutuantes, os momentos de imobilidade e sobretudo o silêncio resultante, apenas perturbado por uma banda sonora deliciosamente fora de moda. Como aliás o filme projectado no écran, numa curiosa lentidão a que já não estamos habituados. Daniel

Larrieu manteve as sequências filmadas que pontuam o espectáculo e nas quais aparece bruscamente um relógio Swatch no meio da coreografia, alusão a uma época em que os patrocinadores não hesitavam em apoiar as produções artísticas.

Waterproof assinala igualmente o regresso de Daniel Larrieu, que se tinha de certo modo eclipsado quando deixou, em 2002, o centro coreográfico nacional de Tours, que dirigia desde 1994. Quando lançou a sua companhia Astrakan, convencido de que já chegava de trabalho institucional, não esperava constatar a existência de uma tão grande precariedade na dança: «Vim-me embora num gesto de orgulho, diz ele, e não medi bem o estado crítico da produção de dança. Tem que se trabalhar de uma maneira totalmente diferente; para cumprir o número obrigatório de horas de trabalho, os bailarinos trabalham com quatro ou cinco companhias. Organizar o mapa de ensaios é um verdadeiro quebra-cabeças. Levei dois anos e meio para montar a produção da minha próxima peça, *Never Mind*, que estreia em Novembro em Grenoble.»

Ele e Alain Buffard, que também é coreógrafo, juntaram meios e partilham a mesma estrutura de produção.

Waterproof é uma peça importante a vários títulos. E, em Saint-Ouen, onde a actividade cultural não é das mais excitantes, os quatro espectáculos na piscina são ilhas de frescura. Ainda que o espectador não tenha direito a dar um mergulho.

MARIE-CHRISTINE VERNAY
LIBÉRATION, 25 DE JULHO DE 2006

Os equilíbrios aquáticos de Daniel Larrieu

A escuridão cai de súbito na piscina Auguste-Delaune, de Saint-Ouen (Seine-Saint-Denis). Poder aproveitar de um lugar como nunca o vemos provoca sensações raras e muito agradáveis. Nem um nadador na água, nem uma ondulação. A superfície é tão lisa que quase juraríamos estar a olhar para uma placa de vidro. Só as luzes flutuantes das imagens projectadas em dois écrans à volta da piscina a listram de reflexos.

Diante do público, instalado nas bancadas como na plateia de um teatro, *Waterproof*, coreografia de Daniel Larrieu, está prestes a começar a sua oferta de imagens fortes. Vale a pena a deslocação nem que seja só para ter a visão de um treinador de natação a vigiar o vazio.

Waterproof é um pequeno fenómeno. Lançado à água em 1986, faz-se agora de novo à navegação. E, ainda por cima, com a maior parte dos intérpretes originais. Bela operação e sorte bendita, tendo em consideração a diversidade de percursos entre eles. Em fato de banho preto, por vezes vestindo um roupão quase impermeável em que a água cintila como sobre a pele dum golfinho, os dez bailarinos-nadadores desta fascinante odisseia subaquática tornam-se criaturas de um mundo paralelo que as transforma em girinos, afogados ou sereias, conforme a luz.

Contemplar a forma como mergulham, tão lentamente que a superfície da água nem treme, escapa a todos as nossas ideias feitas sobre o elemento líquido. É mesmo água, esta matéria espessa que parece atrair os corpos para melhor os

engolir? A proeza perturbante desta doce penetração – pelas pernas, pelas nádegas ou de cabeça – é acompanhada de percursos submersos cujo desenrolar seguimos perfeitamente.

A prova da água

A cabeça é a única parte dos intérpretes que se eleva imperceptivelmente acima da água para engolir ar. Os corpos deformam-se, segundo o ângulo de visão, comprimidos, em bolas, como homens sem membros

À letra, *Waterproof* (“impermeável”) poderia também significar “prova da água”. Prova de quê? Da riqueza dos princípios da dança contemporânea aplicados a um elemento estranho, radicalmente outro, que é a água. Foi aliás no âmbito de um programa de “arte e desporto” dirigido por uma “professora de natação e investigadora”, Anne Frémy, que Daniel Larriue concebeu *Waterproof*. Tão à vontade dentro da piscina como nos seus bordos, dava cursos às nadadoras da equipa de França e ao mesmo tempo frequentava com elas aulas de natação sincronizada. A qualidade hipnótica de *Waterproof* faz-nos por vezes esquecer o virtuosismo singular demonstrado pelos bailarinos. Flutuando debaixo de água, pedalandando, refinam um funcionamento inédito, ajustam a respiração a corpos sem peso cujo centro de gravidade se diluiu.

Sujeitos a outras leis do equilíbrio, do impulso muscular, forçam o gesto, prolongam-no, dando-lhe uma lisibilidade perfeita. Na piscina-palco, inventam uma coreografia que retoma os movimentos originais do magma, da roda e criam ritmos decalcados da resistência

da água. A propulsão subtil dos bailarinos faz-nos pensar num esforço físico mínimo. É o paradoxo desta peça tão plástica: fazer crer que a levitação na água é uma evidência.

ROSITA BOISSEAU

LE MONDE, 28 DE JULHO DE 2006

Compagnie ASTRAKAN

contacto
Tanguy Accart e Hélène Joly
129, avenue Philippe Auguste
75011 Paris
T +33 (0)143 79 05 40
F +33 (0)143 79 05 60
E info@daniellarriue.com
www.daniellarriue.com

PRÓXIMO ESPECTÁCULO
MÚSICA SÁB 22 SETEMBRO

Festival Expresso Oriente

Música de Este a Oeste

Pela ORCHESTRUTOPICA

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M/12

OrchestrUtopica Maestro Tapio Tuomela
Barítono Armando Possante

Ahmed Essyad *Mouq'Addimah* (1969)
Arnold Schoenberg *Ode a Napoleão* (1942)
Ivan Moody *Trisagion* (2007) * Eurico Carrapatoso *La rue du chat qui pêche* (2000)
Luís Tinoco *Invenção Sobre Paisagem* (2001)
Saed Haddad *L'Éthique de la Lumière* (2004) *

Ramos da mesma árvore

A edição de 2007 do Festival Expresso Oriente segue o desafio do tema de uma parte da programação da Culturgest para este ano: Os Filhos de Abraão. De uma mesma árvore (Abraão), três ramos (judeus, cristãos, muçulmanos) geraram três culturas. Para além de uma querela sobre o problema narrativo – em que o que está em causa é saber que narrativa fundadora está, afinal, mal contada –, as oposições estendem-se a muitos outros planos. Mas a hostilidade e a intolerância que marca a evolução histórica dos três ramos desta árvore no plano



religioso e político terá um equivalente no plano da criação artística e cultural? E no caso da música?

Alguns dos pontos altos desta edição centram-se na audição de *Ode a Napoleão*, de Schoenberg, a primeira audição de *Trisagion*, de Ivan Moody (uma encomenda da OU), a música de Saed Haddad. Um momento muito especial será a estreia nacional de *Stabat Mater – A Human Prayer*, da israelita Eitan Steinberg, sobre uma das mais longas e devastadoras oposições: o conflito israelo-palestiniano.

Repetindo a experiência de anos anteriores, também nesta edição três compositores portugueses da mais recente geração foram convidados a apresentar a sua música: Ana Seara, Filipe Raposo e Sara Claro. Novas vozes, novíssimos caminhos que a OrchestrUtopica se orgulha de dar a ouvir, cumprindo o seu papel de divulgação e promoção da música portuguesa de hoje.

* Primeira audição em Portugal

Próximos concertos do Festival Expresso Oriente:
QUA 26 DE SETEMBRO · TER 2 DE OUTUBRO

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Nuno Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos



Fidelidade Mundial
Seguros



Império Bonança